

Nome: Douglas Rodrigues Barros
E-mail: rodriguesfilosofia@gmail.com
Instituição de Ensino: UNIFESP
Orientador: Silvio Rosa

A FILOSOFIA EM TEMPOS DE CRISE: ENTRE O COLAPSO DO CAPITAL E A INSUFICIÊNCIA CRÍTICA.

Resumo: A capacidade de sobrevivência que a filosofia, outrora, teve diante dos colapsos de impérios se estabeleceu em grande medida por sua autonomia teórico-crítica. O que lhe dava condições de buscar nas trilhas do pensamento aquilo que se considerava até então como “o impossível”. O pensamento filosófico, no alvorecer e morte do século XIX referendava revoluções ou criticava os caminhos adotados pela sociedade nascente nas ruas parisienses e londrinas. E isso, independente da filiação, conservadora ou progressista, dos pensadores. O caminho já era conhecido: desde Platão com sua *República* o pensamento filosófico se esforçou na ânsia de querer construir outros mundos.

Alguma coisa, entretanto, parece ter mudado, desde pelo menos os anos 1980 do século passado a filosofia mundial entrou numa rotina acrítica e produtivista. Por todos os lados há insipidez no pensamento que contrasta com a forte dinâmica e abalos sísmicos sofridos no oceano econômico-social. A esse pressuposto são necessárias algumas observações; o enrijecimento do pensamento filosófico atual não é a causado pela impotência frente a hecatombe do capital que, no exato momento em que escrevemos estas linhas, agudiza sua crise com a quebra das bolsas asiáticas. Pelo contrário, ele é o efeito. Nesse sentido, a análise sobre as causas do embotamento do pensamento filosófico pode ser buscada lá atrás.

Foram, sem dúvida, Adorno e Horkheimer os primeiros que trataram da forma embrionária responsável pelo esgotamento da crítica. Os pensadores conseguiram captar no Esclarecimento aquele germe que irá banir de si mesmo qualquer pensamento que ouse colocar seu ideário em xeque. A reflexão que desponta a partir das análises impressas na *Dialética do Esclarecimento* coloca fundamentalmente em questão a forma burguesa do sujeito. É a própria estrutura do pensamento moderno o responsável

pelos entraves de uma crítica consoante à emancipação. Do mesmo modo, é a própria síntese desse processo culminando no capitalismo, que eliminará a possibilidade de crítica radical. Todavia, a crítica expressa pelos críticos tropeça em algumas pedras difíceis de serem removidas do caminho à época. É época, não nos esqueçamos, marcada essencialmente pela polarização político-ideológica. Adorno e Horkheimer partem das pistas deixadas por Marx no que se refere a forma da circulação do capital (troca) e deixam de lado a forma de produção (trabalho). Ambos compreendem a forma negativa da totalidade apenas no nível da circulação e, isso abre as portas para uma crítica que veja o problema na totalidade unitária das duas esferas que mantém o capital em curso.

Assim, compreender em nível mais profundo os limites da crítica frankfurtiana parece ser um dos caminhos para pensar a insipidez que tem tomado conta da filosofia acadêmica em sua incansável tentativa de especialização. Naturalmente a análise pretendida não é original. Kurz, Jappe e Roswitha Scholz refletiram sobre isso. A questão é colocar os pressupostos da *crítica do valor* na baila para ver se é possível negá-lo. A presente comunicação, portanto, tem como objetivo, primeiro, discutir os limites da crítica adorniana usando dos pressupostos da teoria marxiana do valor. Segundo, pensar sobre a própria noção de modernidade e seu funcionamento intrínseco ao modo de produção e reprodução social. E, por fim, pensar como estes pressupostos estão ligados e são alimentados pela esterilidade que se mantém no pensamento filosófico atual.

Palavras-chave: crítica – esclarecimento – filosofia – valor – teoria crítica.